

Erotismo em Objetos: Para Ver, Ler, Usar e Pensar

Carlos Gonçalves Terra, Professor Associado/Escola de Belas Artes/UFRJ

Desde os primórdios nos deparamos com reproduções do momento sexual e objetos que "esquentam" a relação entre casais. Na atualidade há uma grande quantidade de material erótico disponível, que se integra em cenas íntimas em suas diferentes denominações. Muitos objetos são preservados em museus especializados em arte erótica ou em gabinetes reservados. São eles que nos fazem pensar e refletir como o sexo e os objetos se integravam e proporcionavam prazer. Outro ponto relevante a ser considerado é o que se refere à literatura, pois ela também nos faz lembrar como a relação com os objetos eróticos sempre foi importante para a satisfação sexual. Analisando os diversos objetos espalhados pelas diferentes culturas, lendo um pouco do que nos foi deixado e observando-os em diferentes espaços, podemos compreender como essas "bizarrices", como alguns os consideram, foram usadas, vistas ou pensadas.

Palavras-chave: Erotismo. Arte Erótica. Objetos Eróticos

*

From the beginnings, we have come across reproductions of the sexual moment and objects that "heat up" the relationship between couples. Nowadays there is a great amount of available erotic material, which integrates in intimate scenes in their different denominations. Many objects are preserved in specific museums that displays erotic art or in reserved offices. They make us think and reflect how sex and objects integrate and provide pleasure. Another relevant point to consider refers to literature, because it also reminds us, how the relationship with erotic objects has always been important for sexual satisfaction. By analyzing the various objects scattered in different cultures, reading a little of what was left to us and observing them in different spaces, we can understand how these "bizarrices", as some consider them, were used, seen or thought.

Keywords: Eroticism. Erotic Art. Erotic Objects

Para falarmos de objetos que “esquentam” a relação dos casais ou a individualidade de alguém, precisamos estar conscientes de que existe, conforme cada ciclo histórico, uma maior ou menor intensidade no uso de objetos eróticos.

Buscamos na literatura especializada a interpretação de objeto erótico e encontramos na obra de Knoll e Jaeckel a seguinte definição:

Designação genérica para objectos de várias espécies que servem para aumentar o prazer erótico. São objectos eróticos, num sentido restrito, colecções de escritos e gravuras que fazem parte ora da *literatura* e *artes plásticas* ora da *pornografia*, e a fronteira entre ambas é sempre duvidosa. Entretanto, o *sex business* oferece os seus *filmes* e *discos*, e igualmente “roupa estimulante” e utensílios feiticistas, sobretudo de *borracha* e *couro*. Nos catálogos das casas de expedição especializada e nas prateleiras das *sex shops* encontram-se ainda *afrodisíacos*, *godemichés*, bonecas de encher, com vaginas artificiais, e uma enorme quantidade de artigos humorístico-eróticos. O que é decerto moderno no *sex business* é pôr ao alcance de todos aquilo que até aqui só era acessível aos “iniciados”¹.

Nos dias atuais há uma grande quantidade de material erótico disponível, o que de certa maneira torna-se prejudicial, pois sua qualidade muitas vezes fica a desejar. Por outro lado, essa liberação permite que livros de cunho erótico, além de outros objetos, possam ser acessíveis a todos que se interessem por obras que outrora ficavam guardadas a “sete chaves”.

O que se pretende abordar no texto é a sexualidade como ela é revelada em utensílios, imagens e textos, que até bem pouco tempo eram proibidos, banidos ou distribuídos reservadamente.

O que também nos interessa é a distinção entre erotismo e pornografia, pois ambos os conceitos estão muito próximos.

Pornografia provém do grego antigo *pornógrafos* (*pornos* = prostituta + *grafo* = escrever), que significava, originalmente, um trabalho escrito sobre prostitutas e sua atividade sexual. A etimologia da palavra enfatiza o aspecto comercial que possui características consumistas, sobretudo após o advento da revolução industrial. Atualmente o conceito é por vezes muito vago, porque não está ainda bem definido e aceito, já que há uma grande dificuldade em delimitar e classificar o que é a arte de conteúdo erótico.

A Suécia, em 1968, realizou a sua primeira exposição internacional de arte erótica. Os organizadores descreveram a exposição como uma *amostra de arte erótica*, já que o termo erótico teria uma forma mais notável do que pornográfica. Além disso, a legislação proibia a mostra de arte pornográfica, mas permitia que a arte erótica fosse exposta. Foi uma envolvente exposição, que reuniu num

¹KNOLL, Ludwig; JAECKEL, Gerhard. *Léxico do erótico*. Lisboa: Bertrand, 1976, p. 271.

catálogo de dois tomos a opinião dos curadores, dos artistas e do público. Em seus volumes encontram-se as imagens que integraram a amostra.

A palavra erotismo tem sua etimologia no grego *erotikos*, que se origina de *eros* = amor. Eros é a virtude atrativa que leva as coisas a se juntarem, criando a vida. É uma força fundamental do mundo; assegura não somente a continuidade das espécies, mas também a coesão interna do Cosmos.

Para Sebastião Costa Andrade, professor da Universidade Federal da Paraíba e pesquisador sobre a sexualidade, a distinção entre erotismo e pornografia é problemática. Ele nos diz:

Esses conceitos são complexos e de sentidos e significados múltiplos. Demarcar o território do erotismo e da pornografia é uma tarefa arriscada. Vou tentar mirar apenas nos fenômenos do erotismo e pornografia, já que incluir o amor e a sexualidade demandaria muito espaço. Podemos dizer, em linhas gerais, que há alguns traços singulares entre o erotismo e a pornografia que nos possibilitam estabelecer uma diferenciação razoavelmente aceitável. Uma das diferenças mais comuns diz respeito ao "teor" mais nobre do erotismo, em contraposição com o caráter "vulgar" da pornografia. O que confere esse grau de nobreza ao erotismo é o fato dele não se vincular diretamente ao sexo, enquanto que a pornografia encontra no sexo e na sexualidade seu espaço privilegiado. Dessa forma, o erotismo estaria mais próximo do sexo implícito (portanto aceitável) e a pornografia do sexo obsceno, direto, explícito e comercializável. Porém, distinções desta natureza podem nos conduzir a práticas preconceituosas! Afinal de contas, erótico ou pornográfico, depende dos contextos histórico, cultural ou moral em que esses fenômenos estão inseridos².

Michel Foucault, no seu livro *História da Sexualidade*³, constata que existem dois grandes procedimentos para produzir a verdade do sexo. Ele nos diz que o Oriente foi provido de uma *ars erótica*, enquanto o Ocidente pratica uma *scientia sexualis*. Ele comenta que somente a nossa civilização desenvolveu procedimentos que se ordenam para dizer a verdade do sexo – a confissão.

Na atualidade há uma grande quantidade de material erótico disponível que se integra em cenas íntimas e fetiches em suas diferentes denominações, como a agorafilia – atração por fazer sexo em lugares abertos ou ao ar livre; coimetofilia – desejo de transar no cemitério (Il. 1); amalgatofilia – adoração por estátuas; *plushofilia* – atração por fazer sexo com pessoa disfarçada de bicho de pelúcia; *bondage* – interesse relacionado com o sadomasoquismo, cujo principal objetivo é imobilizar o parceiro; *voyeurismo*; submissão; fetiche por filmar; e por fazer sexo com bonecas, entre outras práticas da relação sexual.

² ANDRADE, Sebastião Costa. *Desejos desvelados. Erotismo e pornografia numa perspectiva macrosociológica*. Curitiba: Instituto Memória, 2009.

³ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. v. 1, p. 65-66.



Fig. 1. Ricardo Newton. Coimetofilia, o.s.t., 2017.
FONTE: Acervo do pintor. Fotografia Carlos Terra.

Muitos objetos são preservados em museus especializados em arte erótica ou em gabinetes reservados. São eles que nos fazem pensar e refletir como o sexo e os objetos se integravam e proporcionavam prazer em determinadas épocas.

Podemos, na verdade, fazer uma linha do tempo com os produtos eróticos.

As estatuetas das Vênus esteatopíguas são os primeiros indícios de uma referência à sexualidade, relativas, talvez, ao culto da fertilidade.

Nas civilizações da Antiguidade, representações egípcias em papiro, em desenhos feitos nos óstracos ou hieróglifos, nos mostram imagens de sexo, com objetos que compõem a cena ou o conjunto de cenas. A Mesopotâmia se revela por suas tábuas de cerâmica descobertas há pouco tempo e expostas no Museu de Israel (Il. 2). A cena de sexo está bastante presente com a representação do casal fazendo sexo “a tergo” ou utilizando camas.

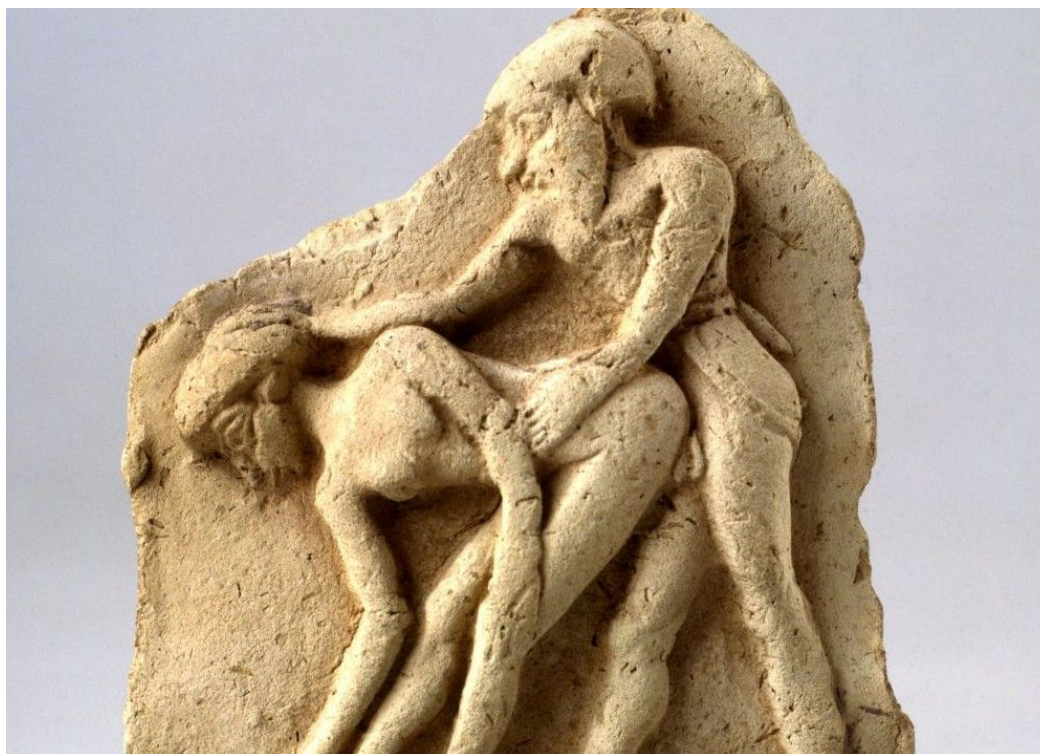


Fig. 2. Placa de argila com cena de coito a tergo.
FONTE: Museu de Israel. Fotografia Carlos Terra.

Na Grécia Antiga, em cuja cultura Eros estava bastante presente, o sexo e o erotismo eram muito praticados. Ali se inventou o *Olisbos*, palavra grega que significa pênis artificial (Il. 3), geralmente chamado de *godemichée*, que mais recentemente passou a ser conhecido também como *dildo*. Os olisbos eram feitos de madeira ou couro recheado, que deveriam ser generosamente untados com azeite de oliva antes de sua utilização. Segundo a literatura eles eram usados pelas mulheres para a masturbação, quando elas ficavam muito tempo sem seus maridos, que iam para a guerra. Era uma maneira de torná-las mais calmas, uma vez que a ausência dos homens provocava certa inquietação nas mulheres. Tanto é assim que a peça teatral *Lisístrata*, de Aristófanes, traz como foco central a revolta das mulheres e a greve de sexo, que tinha como objetivo fazer com que os maridos acabassem com as guerras e ficassem em casa com as esposas. A cerâmica grega é a referência principal para se estudar e observar o uso desses objetos no cotidiano dos gregos. Paul B. Preciado, em seu *Manifesto contrassexual*⁴, nos traz uma excelente reconstituição da história e da etimologia da palavra dildo. Ele nos informa:

Encontramos resquícios relativos à produção de brinquedos sexuais similares ao dildo que datam desde o século III a.C. A florescente cidade da Ásia menor, Mileto, era famosa entre os gregos pela fabricação e exportação de *olisbos*. [...]

O dicionário da língua francesa *Le Robert* mostra o surgimento das palavras *godemichi* (1583) e *godmicy* (1578) para nomear objetos destinados à produção de prazer sexual. *Gode* pode significar "ovelha que

⁴ PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: N-1 edições, 2017. p. 197-199.

não está mais prenhe" ou "homem suave ou afeminando". Nessas acepções, o dildo parece remeter não só à produção de prazer, mas também a uma feminilidade masturbatória e, por conseguinte, estéril e falsa em relação à utilização dos órgãos sexuais no chamado "coito natural". Huguet e Reay apontam duas etimologias possíveis para a palavra *godemiche*: a primeira deriva do latim medieval *gaudare* ou *gaudemihī*, que significa "gozar"; *goder* é "gozar" ou então "estar sexualmente excitado"; a segunda viria da palavra catalã *gaudameci*, em referência ao "couro de Gadamés", do qual os dildos eram feitos. Em espanhol, encontramos acepções similares para as palavras *godeo*, *godesco* e *godible* que, no entanto, em nenhum momento serviram para nomear o dildo. [...]

Em inglês, o termo *dildo* surge no século XVI e parece derivar do italiano *diletto*, que quer dizer "prazer ou gozo". No inglês clássico a forma verbal *todudo* significa "acariciar" uma mulher sexualmente. [...] Por outro lado, é preciso destacar que o *dildo* é também um cacto muito espinhoso de flores rosa que cresce em zonas desérticas do continente americano.

Curiosamente, não encontramos no dicionário etimológico da língua espanhola ou portuguesa nenhuma palavra que cubra o significado de *dildo* ou *godemiche*. E rejeitamos as fórmulas "consolo", "cinta peniana" ou "pinto de plástico".



Fig 3. Dildos. Diversos períodos, diversos materiais.

FONTE: Sex Machines Museum, Praga e em vasos gregos. Fotografia Carlos Terra.

Também vem da Grécia a primeira referência a um acessório que ajudaria muito a vida dos casais – o azeite de oliva, usado como contraceptivo e lubrificante durante as relações, o que demonstra que os gregos tinham grande conhecimento na arte do amor, já que ainda hoje ele é recomendado para relações sexuais, principalmente porque pode tornar a relação mais prazerosa.

A vida cotidiana sexual e amorosa dos romanos foi melhor compreendida com a descoberta de Pompeia. Os textos nos traziam algumas informações, mas é com

as pinturas parietais e objetos escultóricos escavados que se teve a certeza de como era o sexo e os objetos de adoração. No início se acreditava que a cidade era um grande bordel, mas aos poucos se percebeu que existiam os lupanares e tabernas para os encontros amorosos. O pênis aparece como um símbolo da felicidade. Na fachada de uma casa se encontra a inscrição *Hic Hiabitat Felicitas* (aqui habita a felicidade), inscrita numa placa com um pênis centrado entre a inscrição (Il. 4). Príapo era o Deus da fertilidade e podia ser encontrado em todos os lares romanos. Ele trazia sorte e bem-estar. O falo é encontrado na rua, esculpido na pedra; em relevo na fachada das casas; nas pinturas parietais das salas, em vários objetos e principalmente nos *tintinabulum* em suas diversas formas. Os pesquisadores observaram cerca de 90 posições sexuais diferentes encontradas nas várias imagens eróticas romanas. Em um dos medalhões com cena erótica foi incluída a inscrição “eu gosto deste jeito”. Um período rico em cenas eróticas com o prazer irrestrito.



Fig. 4. Casa em Pompeia com a escultura de um pênis na fachada.
FONTE: Fotografia de Carlos Terra.

Nenhuma obra literária foi tão célebre como o *Kama Sutra*, o livro de arte erótica elaborado por Mallanaga Vatsyayana no século III d.C. Nesse tratado do amor estão as posturas amorosas, os beijos, os abraços, os arranhões, os mordiscos, e tudo que dê prazer.

Quando se refere às poções de amor e acessórios sexuais, lá estão objetos, caso o homem não consiga satisfazer uma mulher. Eram recomendados, nesse caso, alguns mecanismos artificiais que podem ser de ouro, prata, cobre, ferro, marfim, chifre de búfalo, estanho ou chumbo, macio, com um efeito refrescante ou violento. Podem ainda ser feitos de madeira. O pênis artificial deveria ser feito com as suas proporções naturais. Seria mais excitante para a mulher se o exterior estiver cravejado com nódulos grandes e lisos.

A criatividade foi intensa na descrição do uso de objetos no *Kama Sutra*. O pênis feito com duas argolas presas era mais fácil de meter e tirar depois; alguns eram elaborados em três partes, talvez para homens que precisem variar suas proporções. O mais simples de todos possuía um filete de chumbo a contornar a haste do pênis. O mais sofisticado era preso na cintura e acomodava os testículos.

Na impossibilidade de executar um pênis perfeito, por estar além dos recursos, uma outra solução era pegar um pedaço de bambu e torná-lo oco, mergulhando-o depois em óleos antissépticos e prendendo-o com uma tira na cintura. Outra opção era usar sementes grandes e redondas ou contas de madeira lisas, que podiam ser presas numa tira de couro, lubrificadas e enroladas no pênis. Eram usadas como um substituto barato – aí está o atual anel peniano (anel de rolo).

Outro costume que também encontramos no *Kama Sutra* é a perfuração do pênis. Em um ritual que durava dias, o prepúcio era furado e, depois de cicatrizado, os homens inseriam, em seus buracos abertos, – pedaços de osso, barro, pedra ou madeira. Poderiam ser longos, redondos, em formato de flores, pés de pássaros, tromba de elefante, lisos ou ásperos. Era ao gosto do usuário. O livro *Lições de Amor: Kama Sutra* nos informa que:

O viajante do século XV Niccolo de Conti relatou que mulheres idosas costumavam vender pequenos sinos de ouro, prata e cobre para serem costurados no prepúcio. Alguns rapazes chegavam a ter uma dúzia desses sinos e o tilintar deles, quando andavam, era considerado honroso.

Podemos comparar com os *tintinabulum* romanos que também mostravam em suas representações efebos com sinos pendurados no pênis (Il. 5).



Fig. 5. Pompeia. *Tintinabulum* fálico em bronze.
FONTE: Fotografia de Carlos Terra.

No *Kama Sutra* também estão descritas as técnicas para aumentar o falo – massagens, aplicação de unguentos, entre outros sofrimentos. Seja como for, é lá que surge o extensor peniano, tão comum em nossos dias.

A partir dos séculos seguintes, vários outros objetos foram sendo introduzidos na vida cotidiana. No século VII, espelhos em bronze polido revestiam o quartos de Lady Wu Chao, amante do imperador chinês Tai Tsung.

Se anteriormente houve algo semelhante ao anel peniano, no século XIII a China elaborou um objeto com grande flexibilidade para ser posto em torno da base do pênis, capaz de realçar a aparência dos genitais masculinos e aumentar o tempo de ereção, consolidando então, os anéis penianos.

A partir do Renascimento o dildo retorna com relevância, representado na cerâmica, na pintura, nas gravuras, na literatura, na poesia etc. O *Oxford English Dictionary* faz referência à primeira vez em que esse termo foi utilizado em inglês, no poema erótico de Thomas Nashe, *The Choice of Valentines or The Merie Ballad of Nash his Dildo (Nashe's Dildo)*, escrito por volta de 1592 ou 1593. Em 1610 o termo foi usado na peça de teatro *The Alchemist*, do autor Ben Jonson, e também no mesmo ano em *The Winter's Tale*, poema de William Shakespeare.

Desde o século XVIII, novos objetos foram surgindo, como as próteses penianas, os consolos, o vibrador (Il. 6), o anel peniano com estimulador clitoral, os lubrificantes naturais, o vibrador elétrico, o vibrador eletromecânico, o gel KY, o látex (preservativo, diafragma e brinquedos sexuais), a boneca inflável. Nos anos 1950 surge a revista *Playboy*, inicialmente considerada pornográfica, apesar de seus padrões “domésticos”. Ela foi um marco na cultura sexual. Marilyn Monroe estampava a primeira capa, junto com a inscrição “entertainment for men”. Surgiu, em 1962, na Alemanha, a primeira *sex shop* do mundo, com uma quantidade muito grande de produtos – lingerie, revistas, livros, contraceptivos, produtos estimuladores. Os filmes entraram nesse rol depois. Nos anos 1980 surgiram as salas de bate-papo com conteúdos eróticos. E muito mais...

Outro ponto relevante a ser considerado é o que se refere à literatura, pois ela também nos faz lembrar como a relação com os objetos eróticos sempre foi importante para a satisfação sexual. A maior liberdade ocorreu no século passado e nos permitiu ter acesso a livros antes proibidos, tornando acessíveis informações antes guardadas a sete chaves, trazendo à nossa imaginação objetos que incredivelmente eram úteis no dia a dia dos casais. Esse erotismo às vezes ainda é considerado pornográfico e não artístico, já que a fronteira entre um e outro é muito tênue.

A literatura erótica nem sempre foi desprestigiada. Sequer havia a condenação de seus autores ao anonimato e de suas obras a uma divulgação clandestina. Muitos escritores gregos e romanos da Antiguidade se expressavam por meio desse tipo de literatura; os melhores autores a praticavam às claras e seus leitores se divertiam com ela sem falsa vergonha. Apenas não era admitida no gênero nobre, que compreendia a tragédia e a epopeia, mas concediam-lhe como domínio o gênero familiar, o da comédia, do conto, da poesia elegíaca, satírica ou epigramática, conforme nos informa Alexandrin em seu livro *História da Literatura Erótica*⁵.

Destaco duas epigramas do polêmico Martial⁶ que representam a vida exagerada e luxuriante dos romanos, com requintes de sadismo e sem meias palavras:

Lésbia jura: trepar de graça, nem pensar.

⁵ALEXANDRIAN. *História da literatura erótica*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 11.

⁶Marcus Valerius Martialis, nasceu em Bilbao, Espanha, em 1 de março de 40 d.C.

Verdade pura: é ela que tem sempre que pagar⁷.

O caralho de Linus – manjado por todas as minas – não levanta mais. Te cuida, língua⁸.

No decorrer do percurso histórico, a Idade Média nos apresenta os *flabiaux*, contos frequentemente anônimos, escritos por menestréis na França. São caracterizados pela excessiva obscenidade sexual e escatologia.



⁷*Lesbia se iurat nunquam fututam.
verum est cum futuit vult, numerare solet.*

⁸*Illas lax nimium Nec pausis nota puellis
stare Lino desit mentula. Língua, cave.*

Fig 6. Vibradores. FONTE: Sex Machines Museum, Praga. Fotografia de Carlos Terra.

Pietro Aretino escreve, no século XVI, os *Sonetos Luxuriosos*. Seus escritos são ousados e vários outros autores seguiram sua linha em séculos posteriores. O século XVIII, aclamado como a idade de ouro da libertinagem, vai nos dar as sátiras anticlericais, os costumes mundanos, o erotismo, Sade e o terror sexual, os memorialistas do sexo, John Cleland e seu *Fanny Hill*.

O século XIX começa com *L'Enfant du bordel*, de Charles Pigault Lebrun, um livro erótico que vai estar dentro dos livros clandestinos. Baudelaire (*Les Fleurs du mal*), Flaubert (*Madame Bovary*), Walter (anônimo) e seu *Minha Vida Secreta*, Wilhelm Reinhardt e a literatura masoquista, John Cleland e a pornografia americana, e mais uma grande quantidade de autores.

O século XX tem sua estrela Anais Nin, que foi uma grande romancista moderna praticando o erotismo literário, além de Jean Fort e seus romances sobre flagelação, Oscar Wilde, Marcel Jouhandeau, Jean Genet, Apollinaire, Georges Bataille e muitos outros escrevendo sobre as diversas possibilidades que o sexo poderia permitir – uso de objetos “apimentando” a relação, as necessidades de realizar o prazer, mostrar a potência e capacidade em muitas relações. Uma diversão que muitas vezes era lida às escondidas.

Analisando os diversos objetos espalhados pelas diferentes culturas, lendo um pouco do que nos foi deixado e observando-os em diferentes espaços, poderemos decidir se essas “bizarrices”, como alguns os consideram, foram usadas, vistas ou pensadas.

Referências bibliográfica

- ALEXANDRIAN. *História da literatura erótica*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- ANDRADE, Sebastião Costa de. *Desejos desvelados. Erotismo e pornografia numa perspectiva macrosociológica*. Curitiba: Instituto Memória, 2009.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BRANCO, Lúcia Castello. *O que é erotismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro, Graal, 1985. 3 v.
- GERHARD, Poul. *Pornography or art?* Copenhagen: Yendall, 1968.
- KNOLL, Ludwig; JAECKEL, Gerhard. *Léxico do erótico*. Lisboa: Bertrand, 1976.
- KRONHAUSEN, Phyllis; KRONHAUSEN, Eberhard (Comp.). *The complete book of erotic art*. New York: Bell, 1968. 2 v.
- LIÇÕES de Amor: Kama Sutra. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
- UBEDA, Ramón. *Sex design*. Madrid: Linea, 2004.